

## MR15: Criando gentes e antropologias: maternidades dentro e fora das universidades

**Coordenação:** Renata Albuquerque (FCL)

**Participantes:** Dayana de Cordova (UFSCar), Marina Novo (Unicamp), Tatiane Duarte (UnB)

### Resumo:

As maternidades têm ocupado cada vez mais espaço nas discussões acadêmicas, mobilizando pesquisas, publicações e articulações variadas nos diferentes campos das Ciências Sociais. Esse cenário se acentuou no contexto da pandemia de COVID-19, com o escancaramento da centralidade das tarefas reprodutivas na organização da vida social. A sobrecarga materna expõe a relação do trabalho reprodutivo com o trabalho acadêmico e convida novos diálogos sobre o trabalho em antropologia. Trabalhos de campo prolongados, imersão em contextos perigosos, rotinas de trabalho e estudo incompatíveis com o cuidado de crianças, ambientes universitários despreparados para o acolhimento de lactantes, financiamentos de pesquisa que não consideram as especificidades das dinâmicas familiares. Esses e outros tantos cenários são recorrentes no fazer antropológico e têm sido aceitos como universais, servindo como parâmetro para a organização da disciplina. Esta Mesa Redonda tem o objetivo de discutir sobre como as antropólogas articulam o trabalho acadêmico e intelectual com o manejo das redes de cuidado em que estamos inseridas. Buscamos refletir sobre o que significa ser mãe e antropóloga, considerando as particularidades (ou lugares comuns) que o campo da antropologia traz para essas experiências da vida e identificando os desafios enfrentados pelas pesquisadoras-mães em um cenário político que promove a precarização do trabalho com pesquisa.

### Esconderijos e subterrâneos das maternidades na antropologia

**Autoria:** Tatiane Duarte

Esta comunicação se inspira na retomada da história da antropologia considerando a produção intelectual e a contribuição de mulheres para a formação da nossa disciplina (CORREA, 2003). Sabemos que sua fundação tem referência colonial e a definição de seus cânones e clássicos foram constituídos hegemonicamente por homens do norte global construindo um quadro epistêmico com assento para bem poucos. Diante de fundadoras e de referências teóricas faltantes e de não-ditos sobre as contribuições teóricas de mulheres para a antropologia (BRANCO et al., 2018), alocamos as maternidades como mais um marcador de ausência e de exclusão. Contemporaneamente, antropólogas mães continuam enquanto posicionalidades presentes nas construções de pesquisa, nas escritas etnográficas, nos aportes teóricos e nas posições ocupadas, mas pouco reveladas, menos ainda se evidencia como muitas de nós não ocupamos cargos efetivos nas universidades ou quando ocupamos possuímos condições de trabalho mais precarizadas. Considerando as maternidades encobertas em nossas antropologias, dialogamos com o debate feminista e as discussões públicas atuais que reconhecem os enfrentamentos a serem feitos para a concretização de igualdade e de direitos. Até por que, mesmo que mães e crias existam, diversamente, em todos os grupamentos sociais que estudamos, não são ainda reconhecidamente vozes epistêmicas, são corpos objetificados e subalternizados. Para as mães, os tempos parecem ter sido sempre extremos, inclusive entre nós, antropólogas. Diante desse desafio, consideramos a maternidade enquanto fato social e composição possível às mulheres pesquisadoras, mas que apresenta novos princípios e limites ao nosso tempo de trabalho exclusivo. E que, de modo pungente, contribui para novos olhares epistemológicos e perspectivas metodológicas porque provoca, literalmente, a repovoação de nossos fazeres antropológicos e de nossos agenciamentos políticos como intelectuais em uma

sociedade estruturalmente desigual.

## 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

### Realização:



### Apoio:



### Organização:

